

Educação & Cultura contemporânea em face da episteme juvenil ou a rebeldia da beleza

Aldo VICTORIO FILHO¹

RESUMO: Este texto pretende fortalecer as reflexões sobre a Educação contemporânea e as suas relações com o universo em expansão da Cultura no qual emergem as múltiplas realizações estéticas e existenciais da juventude. Na imbricação entre o campo complexo da Cultura e a crise da Educação, nos interessam especificamente os jovens que de uma forma ou de outra são afastados das escolas oficiais e não são contemplados com políticas públicas que efetivem o reconhecimento e legitimação das suas realizações e pertencimentos culturais. Falamos da juventude periferizada pelos recorrentes processos de centrifugação social ainda fortemente ativos na sociedade brasileira que evidenciam a aludida ‘crise da Educação’, na perspectiva em que a sua finalidade é fundamentalmente a formação cidadã sem a qual o projeto democrático continuará irrealizado. Concluimos nosso percurso defendendo as produções dos ‘jovens da periferia’, o Funk e a pichação no caso do Rio de Janeiro de onde parte essa análise, como fontes epistêmicas imprescindíveis à realização de uma Educação pública atualizada, útil e produtiva que incorpore a diversidade e a robustez cultural dos jovens e crianças brasileiras, em direção à sua íntima utopia, ou seja, a realização da democracia.

PALAVRAS CHAVE: Educação. Juventude. Cultura.

Contemporary Culture and Education concerning juvenile *episteme* or the defiance of beauty

ABSTRACT: This text intends to build up reflections about contemporary Education and its relations with the expanding universe of Culture, where multiple juvenile aesthetic and existential accomplishments emerge. From the imbrications between the complex field of Culture and the Education crisis, we are interested in the young people who, in one way or another, are away from the official schools and have not benefited from public policies that recognize their cultural accomplishments. We discuss the case of young people suffering with the social centrifugation processes, which are strongly active in our society and are an evidence of the “Education Crisis”. From our perspective, a democratic project cannot be accomplished without forming citizens. In conclusion, we defend the presented works from “the outskirts youth”, the Funk and graffiti in Rio de Janeiro, the original place of our analysis. These are considered vital epistemic sources in order to put into practice an up-to-date, useful and productive Public Education, which is able to connect the diversity and culture of our children, moving forward to their intimate utopia: the achievement of democracy.

¹ UERJ -Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. Rio de Janeiro, RJ – Brasil. CEP: 20550-900. Email: avictorio@gmail.com

KEYWORDS: Education. Youth. Culture.

Ao pensarmos as relações entre “educação” e “cultura” somos levados, quase imediatamente, a deslocar a reflexão para a educação formal e seus desafios atuais, a formação das crianças e dos jovens em face das radicais mudanças que varrem as sociedades e o planeta nas últimas décadas. Deslindar a complexa rede de conexões entre a contemporaneidade da cultura e a sempre almejada formação humana, a Educação, impõe atualizar esses dois campos conceituais, a Educação e a Cultura, como introdução promissora no território cuja elucidação nos interessa contribuir. Esta tarefa tem sido enfrentada por meio de perspectivas diversas, contudo, nenhuma delas que aspire seguro êxito pode ou deve evitar a suspensão das verdades que mantiveram estabilizados, por bastante tempo, esses conceitos cujo manejo exige suas atualizações.

A Educação, inspirada na sua origem ateniense, seria por seus princípio e fim uma instituição criada para realizar a formação humana dos futuros cidadãos. A ela caberia a preparação adequada e consistente daqueles que virão governar a cidade, ou seja, manter, fortalecer e proteger o bem comum. Compreender a profundidade e abrangência do sentido de “bem comum” exige o investimento em meios que viabilizem a plena apropriação das verdades do mundo, a posse de tudo que foi produzido para e pela comunidade humana, bem como a compreensão dos seus valores e o entendimento dos processos dessas valorizações. O que hoje impõe, além da ideal condição pública e popular da escolarização, a dinamização, por parte das instituições educacionais, de procedimentos pedagógicos afinados com a atualidade do pensamento e das ações políticas que reconhecem a legitimidade e diversidade das realizações humanas em um panorama inexoravelmente maior que o repertório das obras eleitas e reiteradamente defendidas pela ciência, arte, teoria e história hegemônicas e suas instituições específicas.

Aqui a Educação é inexoravelmente envolvida com os planos, tramas e urdiduras de todo o tecido que constitui a Cultura, seja esta entendida da forma que for. A Educação é alicerçada, conforme os aspectos esboçados, fundamentalmente na atualidade do entendimento do currículo para além de conteúdos distribuídos em celas disciplinares. Evidenciando a complexidade do tema, assistimos a rápida explosão conceitual da grelha curricular moderna, aquela que ratificava fronteiras entre disciplinas entendidas como autônomas e as hierarquizava segundo as lógicas epistemológicas hegemônicas, assim como vemos emergir a reconfiguração múltipla dos saberes em rede e platôs, nos quais as mais

distintas experiências e conhecimentos se hibridizam e se contaminam de tal forma que as relações entre a Educação e a Cultura são, cada vez mais, explicitadas, não apenas no que tange à tributação da primeira aos regimes da cultura culta, que é parcela da segunda, mas, sobretudo, à diversidade de feitos e obras - de outras sintonias culturais, a até bem pouco tempo evitadas pela blindagem curricular - que emerge e atravessa volumosa os territórios curriculares. Esses avanços se devem tanto aos processos emancipatórios que vêm emergindo nas últimas décadas quanto aos processos regulatórios deflagrados tanto em resistência a tais movimentos quanto a favor da capitalização das novidades culturais. De qualquer forma, tanto a crescente afirmação de realizações culturais até então não legitimadas quanto as explorações política e mercadológica desta diversidade alcançam e interferem nas práticas curriculares e, se ainda não provocam alterações expressivas, certamente as exigem.

A era da imagem visual e da polifonia cultural exigiria, por sua vez, a reordenação dos elementos que compõem a Educação formal via a incorporação de entendimentos dessa sintomatologia e a instauração de práticas reconfiguradoras da escola em prol da atualização da formação educacional em afinação com a vida efetivamente praticada nas cidades e as dinâmicas epistêmicas em jogo, considerando que toda prática cultural implica a exploração e ou produção de saberes. Em outros termos, a eloquência e polifonia da cultura impõem às práticas educacionais a atualização dos valores nos quais se referenciam, tensionam e resistem, assim como provocam a reinvenção da cidade e de suas instituições. Tomamos aqui a 'cidade' mais como agenciamento conceitual e simbólico do urbano e seus usos sociais, suas práticas específicas e decorrências do que mera ordenação espacial. Nas palavras de Lefebvre (1999, p.46):

[...] o urbano se define como lugar onde as pessoas tropeçam umas nas outras, encontram-se diante de um amontoado de objetos, entrelaçam-se até não mais reconhecerem os fios de suas atividades, enovelam suas situações de modo a engendrar situações imprevistas [...].

A Educação convoca a relativização dos valores das produções humanas e a assimilação de suas mais distintas potencialidades em processos de negociação produtiva e neutralização máxima de subordinações e sujeições. A Cultura, em sua polissemia, revigora-se como realização permanente de sentidos e de tudo que ampare tais processos. Tem-se, por certo, que a Cultura é hoje um termo também atingido por renovados aproveitamentos mercadológicos, ao mesmo tempo em que passa a conter também uma variedade maior de fenômenos, sujeitos e realizações legitimados como artefatos ou acontecimentos culturais. Num tempo de proliferação de locais destinados às atividades culturais, como os centros culturais, a Cultura catalisa favorecimentos mais abrangentes do que qualquer política pública

supostamente implementada a seu favor. A Educação que fora, desde sempre, tributária da cultura hegemônica ou “cultura culta”, atualmente, quando a cultura se desculturaliza em novas territorializações, vê-se desafiada pelo inevitável acolhimento do que nunca havia atravessado seus umbrais, ou, sequer, frequentado suas salas e arquivos de forma plenamente lícita.

A Cultura catalisa, atualmente, a diversidade infinita de afetações e percepções, numa renovação de intensidade e rapidez superior a outras estruturas da sociedade que leva a Educação a encarar questões historicamente evitadas e que passam a integrar a centralidade curricular, como a diferença e a diversidade, portanto, elementos de base curricular e de articulação processual do ato de ensinar e aprender.

Ainda assim, os conteúdos curriculares e as recomendações tradicionais da Educação não são por tudo isso descartados. Aprender e usufruir os saberes historicamente dominantes e os equipamentos culturais da cidade ainda favorecem a formação cidadã. Entretanto se enfraquecem se são meramente reduzidos ao consumo incondicional determinado pela lógica educacional civilizatória. A fé na “boa educação” e na “boa cultura” não pode mais se proteger da simples e fulminante relativização: boa para quem?

Para melhor expor a complexidade e a força da territorialidade da cultura nas suas imbricações com a Educação formal é oportuno explorar a intimidade das escolas nos seus cotidianos e lá perceber que os atuais sentidos da educação já vêm há muito se insinuando nas ações e presenças de seus protagonistas, os estudantes, dentre as quais se destacam as produções estéticas. Marcas juvenis que atravessam a cidade e suas instituições, obras historicamente negadas e exiladas na redução ao delito e à inconveniência diante da cultura legitimada. Condenação que corrobora com a centrifugação social da juventude politicamente, social e economicamente desfavorecida e que, por sua vez, reage e atua com indícial marra estética.

São exemplos do alargamento do campo da Cultura que interroga a Educação e que entendemos como elementos úteis à invenção de uma educação sintonizada com a cidade de hoje. Pois, se os currículos são agenciamentos que dão corpo e nervura à vida escolar, a energia gerada e despendida por seus personagens centrais, os meninos e as meninas, integram-nos e alteram seus fluxos e, cedo ou tarde, enviesam a trajetória institucional no seu rumo incerto ao futuro.

Obras e performances juvenis

Os fenômenos Funk e a pichação são exemplos de produção juvenil que desnudam as críticas relações entre as utopias da educação, da arte e da cidade ainda tributárias aos ideais da modernidade. A juventude interrogaria inevitavelmente os enunciados de uma suposta cultura universalmente legitimável e acima de qualquer acordo ou negociação. Hoje a fragilidade das verdades generalizadas é evidenciada pela indiferença dos jovens e pela ineficácia e alcance pífio de seus discursos. Podemos observar com facilidade que a aludida fragilização dos valores da cultura culta decorre, em grande parte, não apenas da emergência de saberes que lhes são diversos, mas muito por conta da sujeição do conhecimento legitimado e da “cultura valorizada” aos interesses do mercado. A cultura, assim como também a obra de arte, perdeu, há muito, a aura que trazia desde o início da modernidade para se beneficiar de outras resplandecências talvez mais intensas, porém, mais fugazes conforme o sabor das ondas do mercado. O domínio dos repertórios legitimados obedecia muito mais a uma política “mitificada” que à política do consumo. Assim, a assimétrica contemplação dos saberes, obediente à rigidez da hierarquia social passa a ser gerada pelo fluxo rápido do consumo e da biopolítica. Por um lado a tradição desaba e deixa a todos atônitos diante da tibieza de seus alicerces agora expostos à varredura do tempo editado, por outro lado, a beleza, a arte e o conhecimento passam a ser validados e outorgados pelos cartórios comerciais, distantes de qualquer rito legitimador que os afaste nas relações custo e benefício. Um processo que causa perplexidade jamais experimentada, pois esvazia até os corpos de seus funcionamentos naturais, reinventa, permanentemente, as aparências e acelera o tempo no congelamento das inalcançáveis estéticas padronizadas. De certo, que tais fluxos não interessam nem seduzem totalmente as novas gerações, não obstante, sejam, essas, alvos de seus programas.

A ocupação nômade dos jovens, além de questionar a institucionalidade da cultura e os limites oficializados à sua diversidade, evidenciam a crise da própria cidade, que, na atualidade, deixa de ser objeto definido e definitivo (LEFEBVRE, 1999), mas um conceito que reclama redefinição ampla e profundamente negociada.

Para alguma necessária elucidação desse panorama convergem duas fontes significativas: o cotidiano da Educação formal e a cultura visual, exploradas como alargamento do entendimento das práticas formativas e das imagens legitimáveis em suas íntimas e inevitáveis relações. Perspectiva que destaca a produção cultural juvenil em suas diversidade e intensidade, como indispensável chave de leitura da atualidade da cidade, e,

nesta, as promessas da Educação e da Arte em sua tensa tessitura da diferença no jogo das centralizações e periferizações culturais e políticas.

A educação brasileira contemporânea, para além das estatísticas de supostos sucessos e fracassos, vive intensa crise que desafia todos os seus autores e personagens. Não se trata, certamente, apenas de uma crise metodológica redutível à exigência de alguma atualização para uma velha máquina que, vitimada pelo passar dos tempos, reclama manutenção e ajustes para continuar a produzir o que sempre produziu. Não, a educação, sob muitos aspectos, reclama uma reinvenção que a sintonize com os tempos, as práticas e os saberes de seus atuais protagonistas.

Essa reflexão pretende se ocupar de um desses aspectos, ou seja, de certas produções juvenis que vicejam ao largo do que geralmente é defendido por boa parte da Educação. Para tanto, no vasto e diverso universo da cidade, focaremos os jovens que dinamizam a vida das escolas públicas e a vida da cidade. Destes meninos e meninas ressaltaremos alguns aspectos de suas participações nas tessituras das realidades da cidade, especificamente do Rio de Janeiro, que são exemplos de importantes ocorrências que acontecem em qualquer cidade, mudando-se, apenas, as criações locais. Trata-se de aspectos importantes das culturas dos jovens, altamente potentes como produções estéticas, bem como indícios desses tempos que, mais do que reclamar, convocam a reinvenção das relações e práticas pedagógicas via o concreto reconhecimento do protagonismo juvenil na vida da cidade.

São notórias, e amplamente problematizadas, as mudanças que sofrem as sociedades contemporâneas. Suas instituições mais tradicionais são afetadas pelas ações predatórias do mercado que parece reconfigurar todo o planeta. Movimentação que nos atinge cada vez mais em decorrência da distorção dramática das funções e práticas políticas que franqueiam ao avanço do mercado um horizonte radicalmente ampliado. Assim, dos espaços públicos aos privados, a atuação vertiginosa e sem precedentes da mercadologização das existências refina e sofisticada os discursos de sedução ao consumo, reinventa os sentidos da vida, com potentes estímulos às novidades fascinantes de simulacros de hedonismo.

O que são os jovens?

Pensando nos jovens neste cenário, muitas preocupações surgem. Inicialmente, mencionaria as concretas possibilidades de algumas objetividade e certeza atualizadas que deem conta, ainda que minimamente, do que hoje poderíamos cercar com “situação dos

jovens”. A seguir, as preocupações giram em torno da propriedade e utilidade da fala sobre o outro. Neste caso, um outro tão emblemático quanto, cada vez mais, difuso, fugidio e inapreensível – os jovens. Categorização redutora, como qualquer outra, mas inevitável, como o é a utilização das categorias. Considerando essas dificuldades, ensejo uma abordagem que, mesmo não dando conta da diversidade cultural dos jovens, possa contribuir com a problematização do complexo panorama da vida e produção juvenil na cidade, os quais, a Educação, por diversas razões, precisa apreender em sintonia com a abrangência do plano da cultura.

Dar nome é arremessar para longe o denominado, alerta, em um de seus preciosos textos, Maurice Blanchot (2005). Entretanto, pensar e discutir a Educação, via jovens, seus muitos desafios e problemas, exige o recurso de categorizações excessivamente abrangentes. Ser jovem é uma condição incerta e discutível. Aproxima em muitos aspectos um contingente planetário, mas o pulveriza em muitos outros. O que parecia ser um vasto território uniforme surpreende o observador, evidenciando um arquipélago de micro ilhas identitárias, adesões em fluxo, abrigos tribais instáveis e transitórios, como qualquer arremedo de identidade.

“Jovem” e “cultura” são termos sabidamente de ampla abrangência. A suposta unidade ou singularidade dessas categorias, assim como de muitas outras, não implicou, durante muito tempo, sérios problemas hermenêuticos. Entretanto, hoje sua utilização não se daria sem o risco de reduções esvaziadoras dos sentidos do tema que se pretende abordar, como também estaria exposta às denúncias do sempre vigilante, severo e indispensável relativismo. Crivo que cerca os mapeamentos e as diagramações conceituais nesses tempos de “pós-tudo”, pois, as redes de saberes e experiências que mediam nossas iniciativas de elucidar os acontecimentos que nos envolvem evidenciam a contemporaneidade, também, como um cenário inquietantemente fugidio e aparentemente inapreensível. Ao menos como a modernidade fixou o ato de apreender, congelando aquilo que é investigado em entendimentos estabilizados. Entretanto, os fenômenos sociais vistos e sentidos nas suas complexas relações contemporâneas parecem dominados por incertezas, ambiguidades, fluxos, transitoriedades e impermanências. Também inequívocas características dos jovens, e certamente da própria “cultura” em sua vastidão e história, como alerta Teixeira Coelho (2008, p.14) lembrando Francisco de Quevedo, segundo o qual:

[...] desapareceu tudo que era firme e apenas o fugaz permanece e dura:

[...] há mais de 400 anos as coisas já eram líquidas e vaporosas, não tinham formas definidas e perenes. Tudo leva a crer que, de fato, as coisas em cultura sempre tenham sido assim e que o homem e a mulher de seu tempo

tenham sempre sentido que esse mesmo tempo no qual se situavam (e que ingenuamente pesavam ser seu) se lhes escapavam sob os pés.

Assim como a cultura pode ser compreendida como rede de micro produções por vezes independentes, mas sempre interconectadas, o jovem, sem graves riscos de generalizações, pode ser associado à imagem do praticante de redes múltiplas, agentes mais apreensíveis sob a perspectiva da multiplicidade do que da unidade. Nessa ordem, ser jovem é estar em multiplicação, em devir, mais do que em condições definíveis em estabilidades organizáveis. Então, pensar a cultura do jovem implica enfrentar um panorama interminável de possibilidades compositivas, cuja dimensão, a despeito de sua grandeza, não é argumento que impeça ou esmoreça a urgência do seu entendimento, embora jamais plenamente realizável. Ser jovem, assim como ser adulto, é estar sujeito a muitas condições e localizações. É, portanto, estar envolvido em uma rede de referências e pertencimentos que denotam mais fragmentação do que unidade. Nesse sentido, assim como é fácil identificar um jovem em qualquer lugar do planeta é igualmente difícil defini-lo em padrões válidos para além da brevidade dos “*espaços-tempos*” nos quais transita e, por ventura, venha a ser observado.

Quanto à “cultura”, recorro a uma definição que muito me agrada, tanto pela força conceitual quanto pelo bom humor que sua concepção me sugere: “cultura é mistura” (SANTAELLA, 2003).

A cultura, ou as culturas, dos jovens se destacam pela mistura. É mistura de condições sociais muitas vezes antagônicas, plurais e contrastantes. É mistura de movimentos, de novidades e experiências. É também mistura de transitoriedades, ou seja, é estar sempre à beira ou limite de uma nova etapa. Se é justo esse dinâmico emaranhado, urge melhor compreendê-lo em benefício do pano de fundo desta reflexão: o investimento na melhoria da educação brasileira. O interesse pelo jovem não se deve aos desafios que a mídia o expõe em suas terríveis reduções em favor de projetos mercadológicos e políticos. O jovem e seus mundos, os jovens e suas realizações e aspirações interessam por sua importância no Brasil, que é por sua vez, uma nação jovem e “pancultural”. Se a contemporaneidade planetária expõe instabilidades caracteristicamente juvenis – contraste e mutação – esses mesmos traços também se somam às instabilidades do país que contém, e dependerá, dos jovens aqui pensados. Assim se dá a contradição das interações entre o *espaçotempo* global e o *espaçotempo* nacional que, em muitos aspectos se confundem, e que, em outros, são radicalmente opostos. Considerar os confrontos entre esses “espaços-tempos” furiosamente

dinamizados pela mercadologização da existência planetária é indispensável à útil e à fecunda panoramização do jovem e de sua rede cultural na nossa sociedade.

A velocidade e intensidade dos fluxos comunicacionais e culturais decorrentes dos constantes avanços da tecnologia e suas ofertas de usos e aplicações - sempre sintonizadas pela intensa exploração do mercado - envolvem, conectam e evidenciam uma conformação superficial das sociedades contemporâneas. Uma epiderme de virtualidade, mutabilidade e imagética que sugere a semelhança entre todos os jovens abstraindo suas interseções culturais e socioeconômicas. Contudo, enveredando pelas relações entre a Educação, produção estética e o universo juvenil, e focando a atenção nas realidades da escola pública e de seus protagonistas, será possível alcançar novos e urgentes entendimentos sobre o universo dos cidadãos em formação.

Os jovens da escola pública são, a princípio, como qualquer jovem, contudo, em sua maioria, encontram-se cercados por riscos específicos e sujeitos às condições nem sempre favoráveis que a nós, educadores, interessam, sobretudo, deslindar. Diante disso, discorrer sobre uma suposta cultura única e universal dos jovens é de inutilidade diametralmente oposta à importância de se considerar e valorizar as práticas e realizações juvenis no bojo do mapeamento da sociedade brasileira, na medida em que o protagonismo político do jovem não pode ser postergado, nem sua existência ser reduzida ao confinamento do consumo ou do descarte. A vida do jovem no Rio de Janeiro é semelhante à de qualquer jovem brasileiro das áreas urbanas: alvo das investidas mercadológicas e indiferença quanto à sua efetiva futura participação política. Se o futuro dos jovens filhos dos grupos favorecidos é, indiscutivelmente, mais assegurado, o destino dos jovens periferizados em relação à centralidade das benesses sociais, como o é a maioria dos estudantes das redes públicas, é cada vez mais incerto. Já há alguns anos os estudos desenvolvidos sobre a juventude brasileira vêm apontando a precariedade, ou ausência, de políticas públicas efetivas que garantam uma agenda mínima de futuro para os jovens pobres. Nos últimos anos tem se agravado o número de eliminações sumárias de jovens pobres meio às muitas situações de violência e de conflito armado, por conta das rivalidades entre facções criminosas ou decorrentes de ações policiais, significativamente, quase sempre, nas áreas habitadas pelas populações menos favorecidas. Ou seja, nas muitas favelas do Rio de Janeiro, São Paulo e demais capitais. Os índices de mortes entre os jovens na faixa etária dos 14 aos 25 anos atingem, e até superam, as estatísticas dos momentos de maior violência das guerras declaradas em todo o planeta.

Tentando enfrentar a complexidade acima esboçada, invisto na reflexão sobre a “Cultura do Jovem” via abordagem de algumas produções estéticas dessa inapreensível

população. Captar a cultura do jovem é fruir suas produções e o seu manancial de significações. As produções escolhidas são objetos de antigas polêmicas, aceitáveis ou não como obras de arte ou como contribuições culturais. Contudo, são inegavelmente realizações estéticas e, nessa perspectiva, culturais. Instáveis em suas formas e meios de produção, desafiam os manuais de legitimação cultural e resistem à sua colonização pelo maquinário da cultura outorgada. Aludo às obras que invadem as cidades, as marcam como tatuagens e cicatrizes e as modificam: as pichações e o “ batidão” do funk. Emblemáticas imagens que vão além de obras musicais ou imagéticas, anunciam redes e circuitos de relações, pertencimentos, criações e interferências urbanas e sociais que podem ser considerados preciosos indícios dos atravessamentos que colidem com a cidade autorizada e denunciam a falência de seu projeto. Às vezes murmuram, outras vezes gritam influências longínquas, percepções e agenciamentos diversos de tribos distantes, amálgamas, hibridizações, mestiçagens, como que rastros e presença dos muitos nômades que chegam, assentam-se e partem indiferentes às regras da cidade oficial, do mundo que ainda nega a alteridade.

Indiferentes às licitudes e às adequações prescritas, essas estranhas redes culturais anunciam autorias múltiplas, inspirações inusitadas e adesões insuspeitas. Narram aventuras tão alheias às práticas outorgadas da cidade quanto o são seus autores e suas tribos, as quais, a despeito do que lhes obstacula, percorrem e habitam a urbe, nem sempre apenas nas suas sombras. Assim têm sido os universos do funk e o da pichação, que não agregam, necessariamente, os mesmos praticantes, que, nem sempre partilham os mesmos códigos, mas fazem fulgurar a juventude da mesma cidade. Jovens que se interconectam, vivenciam os mesmos riscos da apartação social e a efervescência comum à juventude.

A escolha desses dois notáveis circuitos de produções estéticas que inquietam as cidades, a “pichação” e o “funk”, deve-se às suas repercussões meio à juventude e as suas abrangências territoriais e culturais. São, sem dúvida, sintonias polêmicas que, a despeito de grande número de seus agentes ser oriundo das zonas periferizadas, envolvem moças e rapazes das mais diversas origens e localizações sociais. Lembro que o gosto pela música e dança funk e pelas produções visuais rebeldes atravessa todos os bairros e lares da cidade. Não há encontro ou festa, burguesa ou não, em que não role um batidão. Afinal, “é som de preto, de favelado, mas quando toca, ninguém fica parado!” (Amilcka e Chocolate). Para a melhor compreensão da relevância desses dois fenômenos é preciso considerar que, para além das definições hegemônicas do que seria produção cultural legítima, existem redes de realizações que se desdobram em consonância com as permanentes demandas por fruição estética, criação e atuação social dos diversos coletivos que habitam as cidades.

Tanto o funk, em seus múltiplos aspectos, quanto as criações plásticas denominadas “pichação”, participam da efetivação do “cimento social” (MAFFESOLI, 2005) dos grupos em meio aos quais são criados. Em nada diferente do desempenho de qualquer produção estética/artística, seja qual for o grupo em que venha a ser produzida, porquanto processos independentes do controle das instâncias oficiais de poder. As produções culturais, embora atravessadas por muitas marcas institucionais, não se sujeitam totalmente aos regimes de legitimidade e licitude que pretendam regular seus usos e práticas na cidade. O grau de adequação às normas varia em função do nível de proteção e espaço com o qual a manifestação artística, e seu público, são contemplados. É notório que quanto mais abandonadas e desqualificadas são as obras, os seus autores e o seu público, mais afastados e rebeldes se mostrarão suas produções e suas formas de fruição em relação aos gostos e práticas que lhes são antagônicos.

Aqui é preciso retornar à ideia de que o acontecimento humano seria inseparável da demanda e criação estética. Considerada, então, a dimensão dessa importante relação, humanidade e produção estética, uma urgente questão merece ser nietzschianamente proposta: quais seriam os pressupostos que autorizariam, e que, mais, naturalizariam as invencionices dos processos de julgamento e categorização tão necessários à sobrevivência de uma lógica que, através da recusa, constrói suas sutis e marcantes distinções entre o que seria “gosto culto” e “gosto vulgar”? O que seria fruto de uma “cultura” aceitável? O esforço demandado por essas questões conduz à inevitável relativização dos valores que atribuímos historicamente às diferentes produções da cidade. O que evidencia a simpatia e o conforto da certeza de que a “arte” institucional, em sua contínua e já anacrônica inclinação, serve à centralização do poder. Nesse caminho, a arte também funcionaria como ferramenta de desmonte das qualidades das realizações que não convém ser aceitas no nicho da cultura outorgada. Ou seja, em prol da política de distribuição e acesso dos espaços da arte, da cultura e da ciência “legítimas”. Nesse processo, a eleição de certas produções serve também como argumentação útil à inferiorização do que lhes é diferente. Estratégia simples, mas eficaz, que impõe como parâmetro de legitimidade artística um restrito e manejável conjunto de realizações. A mesma perspectiva se aplica às outras manifestações culturais: “a verdadeira cultura é dessa ou daquela forma, não o que esses jovens (ou estrangeiros, nômades etc.) fazem...”.

Na contemporaneidade, o fenômeno da metrópole surge como um manancial de produções estéticas em fricção indisciplinada e desregrada. Terreno fervilhante que evidencia a polifonia dos encontros humanos e de suas consequências culturais que urdem a tessitura da

vida, para “além do bem e do mal”. A ebulição de produções que ocorrem fora dos certames do sítio da arte – espaço capitalizado cujas restrições não podem dar conta da amplitude de possibilidades estéticas criadas e fruídas pela a humanidade – gritam sua sobrevivência dispensando legitimidades, não capitulando diante de nenhum limite da cidade, quer sejam suas grades, seus muros ou suas marquises. Por outro lado, a Arte institucionalizada, tida como maior legado de uma pretendida “boa cultura”, longe de encarar o desafio de dialogar com as manifestações que lhe são marginais, aquieta-se na suposta segurança de sua invulnerabilidade, como também o faz, a seu modo, a Educação a respeito de muitos jovens e suas produções culturais. Ambas perdem, a cada manobra de afastamento do diálogo com o que rejeitam, a chance de uma atualização fortalecedora da qual pode depender as suas sobrevivências. Atualização que só a interação com o desmantelado, o imperfeito e seus saberes, oferece e reserva aos que se aventuram no cotidiano das franjas da cidade, surpreendente campo pleno de ação criadora de alternativas de sobrevivência material e simbólica e de insuspeitas aventuras estéticas, entendida a estética como emanção fundante da condição humana.

A energia estética foi, certamente, a imanência que conduziu à criação da palavra, e possibilitou a permanente fabricação dos enunciados que dão corpo aos sentidos. Não poderia, portanto, ser reduzida ou exilada neste ou naquele regime de verdades ou ter sua validade sujeita a qualquer outro sistema normativo. O sistema simbólico – criação humana que há alguns milhares de anos, entre tantos caminhos, nos conduziu à atualidade – sempre quer reverberar e avançar para além das prisões institucionais e planos civilizatórios no qual somos reféns e insurretos. Para além dos usos pragmáticos, a criação simbólica parece ser convocada pelo desejo de criação puramente estética. A palavra sempre rompe seus próprios limites e reinventa-se nos enunciados e nos seus registros. Ultrapassa a literatura, que já a libertara tantas vezes, e transpassa as artes que a incorporaram. A palavra ultrapassa a voz e a razão e reverbera da goela da cidade, fulgura nas marcas inquietantes das pichações, goza derrisória nas canções funk.

Papam pararam panti papan...

é o bonde dançando se liga e dança a pampa...

pras novinhas solteiras pararam panti papan...

Papam Pararam Panti Papan (MC Tevez)

A cidade, por sua vez, resultante das políticas injustas e aniquilações diversas, há muito expõe a sua impossibilidade de acolher, com proteção e conforto, todos os seus

habitantes. Nesse enfoque é preciso compreender a cultura do jovem como nave frágil, mas valente, que, em sua viagem, enfrenta todos os percalços comuns à cidade que soçobra em seus princípios de indiferença e injusta partilha. A cidade, ao mesmo tempo em que rejeita, desafia e inspira muitos dos seus filhos; abriga uma Arte a serviço da mecânica capitalista, que a criou e a vem mantendo, mas não consegue impedir outras produções que, estranhas às produções legitimadas, emergem e proliferam e, assim, desafiam os modelos e entendimentos hegemônicos de cultura. A trama de interesses da cidade, nem sempre coerente, alimenta, a seu modo, o jogo das localizações sociais, na medida em que respalda a instituição de determinados valores e tenta resistir às tensões de poder que gera. Contudo, a Arte institucionalizada não é imune a contaminações e trocas. Se por um lado é a face bela do poder vigente, por outro não desfruta da garantia de uma ‘alma’ una e controlável. Inexoravelmente partidária, a arte fraudula a legitimação da beleza e as suas territorializações, trai, sempre que conveniente, o que a classifica, ordena e favorece. Assim, na tensão entre a emancipação e a regulação, usa, e subitamente expõe, as contaminações do que em outro tempo negou-se a interagir e, assim, cedo ou tarde, fortalece seus abrigos institucionais que corroboram com a face perversa da cidade.

A cidade que acolhe uns e rejeita muitos é o pano de fundo da complexa e encantadora rede de fazeres e saberes juvenis que nos interessa conhecer e cujas marcas mais pregnantes e significativas surgem em qualquer um de seus espaços. Sejam as imagens visuais que aprendemos a rejeitar ou os sons e os corpos que anulamos das nossas paisagens sonoras e visuais.

A despeito do poderoso jogo de cena que edita e publica toneladas de verdades e seriedades, a pulsão estética, aquela velha e ativa energia que marca a origem das ações humanas, não lê nem respeita autorizações ou ordenações. Nômade, brincalhona, inoportuna e indigesta, invade as cenas do cotidiano da cidade. Embora esta tenha ludibriado seu compromisso original, e no lugar do abrigo imponha a deserção, não há como impedir a transformação de sua epiderme em um palimpsesto imenso, livro aberto a toda escritura, sem a possibilidade de fixação de verdades únicas. O espaço comum se mostra suporte em pleno devir. Madrasta dos rebeldes, a cidade vira corpo vibrante coberto pelas cicatrizes estéticas dos embates decorrentes das suas escolhas. Insone, delirante, emerge do limbo das contradições como tela aberta aos que abandonou e exhibe suas múltiplas manchas, desenhos incompreensíveis, ornatos superpostos, cores e nomes intraduzíveis. Grafismos enigmáticos invadem suas paredes, das periferias às suas centralidades. As marcas dos nômades traçam suas trajetórias incertas e venturosas.

O jovem arteiro que vive na pegada, “nada querendo saber sobre legitimações”, refaz a cidade e desafia a Educação em seus pressupostos de cidadania e a Cultura e seus regimes patrimoniais. A potência incontrolável da cultura do jovem tem aqui seu paroxismo. Se a Arte não a percebe, outros campos do conhecimento não deveriam desprezar as potências dessa turba nômade que escala monumentos, prédios e demais partes da cidade para deixar suas inconfundíveis marcas onde a nossa vista, sujeitada às visualidades e entendimentos de rodapé, mal ousa alcançar. Mesmo diante deste manancial de possibilidades, a exemplo da instituição de uma Arte maior, as culturas adultas e cultas mantêm, em seus processos de autopreservação, o distanciamento e a sua opção pela distinção, ou seja, sua fantasiosa superioridade.

Enquanto as outras lógicas, as outras estéticas continuarem percorrendo e habitando apenas ambientes periferizados e não implicarem algum imediato e inevitável desconforto às culturas dominantes, cada cultura teria a ilusão de sua blindagem e unidade. Seus partidários e praticantes, nessa ordem, sentem-se autônomos em relação ao tecido social e dispensam saber os saberes do outro. Entretanto, as cidades estimulam permanentes encontros, muitos, certamente, dissonantes. Nas suas franjas e limites, nas suas dissonâncias, nos recortes de suas fronteiras simbólicas e espaciais, subitamente, e repetidamente, desenvolvem-se as produções dos sentidos que dão cor e movimento aos coletivos juvenis. Nesses interstícios se dão as suas experiências e acontecimentos. Os jovens, categoria cada vez mais indefinível em virtude do avanço das tecnologias e normas a serviço dos jogos das aparências e das imagens, fazem dessas oportunas fraturas territoriais e das fragilidades do sistema de valores hegemônicos o berço de suas criações estéticas e experiências existenciais como concretude limite de seus acontecimentos.

Indiferentes a tudo que lhes é antagonico, como o são os discursos “adultocêntricos”, fazem da vida uma permanente obragem estética. A arte desses jovens mostra que seus autores, para além dos efeitos da centrífuga social, não se aquietam nos seus lugares de destino prescrito. Encontram, às vezes por acaso, às vezes taticamente, espaços cujas vocações oficiais desaparecem diante de suas presenças inesperadas. E nesses encontros, fulguram a vitalidade de quem nada tem a perder, por nada ter ganho de graça. Os jovens abandonam, ou sequer experimentam, os seus “devidos lugares”, e quase nem notam, e quando o fazem, riem das nomeações que lhes são atribuídas – vândalos e etc. Via indiferença, parecem deplorar as iniciativas salvadoras daqueles que só querem o seu “bem”, o “bem” da juventude dada como perdida, mas, um bem que nunca implica escutá-la efetivamente, sentir seus cheiros e reconhecer a participação na autoria de seus problemas.

“A cólera do credor lesado, da comunidade, manda-o de volta ao estado selvagem, [...] a comunidade o expulsa e contra ele já se pode cometer qualquer ato de hostilidade” (NIETZSCHE, 2007, p.69).

Os nômades, os jovens perifêrizados nada esperam da cidade-cidadela atravessada e não a desejam ocupar, pois não aderem aos seus programas. É apenas uma coincidência fortuita ela surgir no caminho vagabundo dos primeiros. Como chegaram, artistas em transe e trânsito permanente, partem sem se importar com o que é feito e com o que é pensado nos intestinos das ruínas intactas que, apavoradas, as querem rejeitar. Em seu fluxo e devir, com seus olhares delirantes e suas criações alegres e ferozes, os nômades, belas crianças da cidadela triste e rancorosa nem se aperceberam, como se já mirassem uma nova cidade, que é possível instaurar... Que venham, então, os pichadores e os funkeiros!

As performances discursivas e estéticas dos personagens presentes nas músicas e imagens feitas e vivenciadas pelos jovens abominados, sejam estes os narradores ou os narrados, não são redutíveis às etiquetas tradicionais e conservadoras, via de regra, impostas pelo vocabulário “adulto” referenciado, machista e, obviamente, moralista. Em sintonia com a proposta do meu deslocamento radicalmente favorável aos jovens, o que ofereço, aqui, são notícias sobre segmentos importantes da juventude da cidade do Rio de Janeiro que, quando narram a juventude, narram a cidade. Registrado em um misto de apontamentos e reflexões, este é um trabalho por meio do qual busco destacar aspectos relevantes do panorama cultural e social dos jovens de uma cidade que indicia seu país e o que, neste, fazem seus jovens. Aspectos que encaram as instituições culturais e a educação básica, e interrogam suas ações na contemporaneidade.

Referências

BLANCHOT, M. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COELHO, T. **A cultura e seu contrário**: cultura, arte e política pós 2001. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MAFFESOLI, M. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. São Paulo: Zouk, 2005.

NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral**. São Paulo: Escala, 2007.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

Bibliografia consultada

COELHO, T. **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

CORAZZA, S. M. **Para uma filosofia do inferno na educação**: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ALVES, N.; OLIVEIRA, I. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

CANEVACCI, M. **Antropologia da comunicação visual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. v.1.

_____. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

LEVI, G.; SCHMITT, J. C. (Org.). **História dos jovens**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.v.2.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária 2005.

MISKOLCI, R. **Corpos elétricos**: do assujeitamento à estética da existência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n.3, p.681-693, set.-dez. 2006. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300006&lng=&nrm=iso. Acesso em: 21 out. 2011

_____. **A vida como obra de arte**: Foucault, Wild e a estética da existência. Disponível em: www.ufscar.br/richardmiskolci/paginas/academico/cientificos/vidaarte.htm Acesso em: 20 out. 2007.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2003.

PAIS, J. M.; BLASS, L. M. da S. **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, B. de S. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática: a crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000. v.1.

VIANNA, H. (Org.). **Galerias cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

VICTORIO FILHO, A.; COELHO, G. Uma chance para as Belas Artes além das nomeações: um elogio ao terrorismo estético de Rafael Augustaitiz. **Arte Institucional**, Rio de Janeiro, n.5, 2008.

Disponível em: <<http://arteinstitucionalnumerocinco.blogspot.com/2008/09/aldo-victorio-e-gustavo-coelho-uma.html>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

Artigo recebido em abril de 2011 e aprovado em maio de 2011.